

A perspectiva lexical e a perspectiva gramatical como abordagens complementares na descrição sintáctica

Maria João MARÇALO¹

Resumo: Neste trabalho reflecte-se sobre as modificações valenciais, tomando as perspectivas lexical e gramatical como abordagens complementares da descrição sintáctica.

Palavras-chave: Léxico, gramática, modificação valencial, possibilidades combinatórias, semântica do signo.

Muitas das modificações valenciais são ditadas por processos gramaticais:

“La valencia de cada signo configura sus posibilidades combinatorias y, por consiguiente, determina de algún modo los esquemas sintácticos en los que puede aparecer” (Gutiérrez, 2002 a: 295)

Na explicação sintáctica, a perspectiva lexical e a perspectiva gramatical são abordagens complementares. Será modificação valencial todo o processo que produza uma alteração das possibilidades combinatórias de um verbo.

A modificação valencial significa um **aumento**, **redução** ou simples **transformação** da valência verbal.

Tais processos explicam-se a partir da semântica do próprio signo. São modificações que não têm uma origem gramatical, mas que se repercutem na gramática do signo em causa.

¹ Universidade de Évora, Departamento de Linguística e Literaturas, Largo dos Colegiais, Ap.94, 7000-Évora, Portugal, mjm@uevora.pt

Os signos possuem um valor opositivo, paradigmático e uma valência que prevê as suas possibilidades combinatórias.

Na base da classificação tradicional de verbos transitivos, intransitivos, impessoais e atributivos está a questão das possibilidades combinatórias de um signo. As classificações que actualmente consideram o número de espaços funcionais são mais precisas. Como já referido, dentro dos verbos transitivos temos os bivalentes e os trivalentes, respectivamente os que apresentam espaço funcional para o complemento directo e os que prevêem espaço de complemento directo e de complemento indirecto.

Falamos de redução valencial quando se elimina ou anula uma das funções previstas na valência significativa do signo. O contrário, também pode acontecer, ou seja, acrescenta-se ao verbo uma função argumental não prevista nas possibilidades combinatórias do seu significado. Pode ainda acontecer uma transformação que consiste na alteração dos papéis semânticos que correspondem aos espaços funcionais de carácter formal.

Alguns autores falam, a este propósito, de transitivação e intransitivação, admitindo que esta pode atingir qualquer actante (cf. Touratier, 2000: 130). Porém, concordamos com Gutiérrez quando rejeita tal postura com base no facto de tais designações estarem tradicionalmente demasiado relacionadas com o complemento directo.

Há ainda alguns procedimentos sintácticos que aparentemente correspondem a modificações valenciais e que não o são, uma vez que não afectam a valência do verbo. Temos entre eles a elipse, fenómeno que opera ao nível do significante e não afecta os planos semântico, nem funcional. Na elipse suprime-se a presença de um determinado functivo na sequência, embora a função permaneça. Ao interpretarmos a sequência discursiva restitui-se o dado não expresso. A elipse pode derivar de factores sintácticos ou discursivos.

[Escrever texto]

Outra falsa modificação valencial é a que parece ocorrer com alguns verbos. Na verdade estamos perante dois verbos distintos e não perante o mesmo verbo, caso da homonímia verbal. Verbos que partilhando o mesmo significante correspondem a significados diferentes uma vez que se constróem com funções sintagmáticas diferentes. Trata-se nestes casos de signos diferentes. Se o complemento directo fica implícito por consabido, como em

O João cantou dois fados / O João cantou.

O Pedro bebeu álcool/ O Pedro bebeu.

Não estamos perante modificações valenciais mas perante elipses. Porém, se se verificam sequências em que o verbo adquire um novo significado e em que se altera a combinatória sintagmática, em que o verbo não admite a presença de complementos directos, estamos perante dois signos diferentes:

O João canta(= É cantor) /O João canta dois fados.

O Paulo bebe (= É bêbedo) / O Paulo bebe duas cervejas.

O meu marido fuma (=É fumador) / O meu marido fuma 15 cigarros.

Certos verbos impessoais, que, de acordo com a interpretação tradicional, permitem usos pessoais, evidenciam uma modificação de conteúdo. Logo concluímos estar perante signos distintos e não perante modificações valenciais:

Chovia / Choviam pedradas

Relampejava / Relampejavam as luzes do circo.

Também algo semelhante encontramos em usos transitivos de verbos que o não são habitualmente como *chorar*, que significa verter lágrimas, mas que apresenta novo significado quando admite um complemento directo, passando a ser sinónimo de lamentar:

[Escrever texto]

Chorou a demolição da casa.

Acontece o mesmo com o verbo *viver* que exhibe um regime e significação distintos com complemento directo:

Vive a tua vida.

Os verbos que admitem os chamados complementos internos são também um caso de falsa modificação valencial. A função argumental admitida é preenchida com signos que, do ponto de vista da significação, estão previstos no próprio verbo, pertencendo quase sempre à mesma raiz léxica:

Chorou lágrimas de crocodilo.

Novou um nevão como não acontecia há dez anos.

Choveu uma chuva miudinha e irritante.

Dormiram um sono profundo.

Nestes exemplos o verbo não muda de significado. Há uma espécie de redundância expressiva. Touratier (2000: 134) fala de “valência textual”.

Verifica-se modificação valencial em toda a diatesis. Concebemos a diatesis como a oposição de estruturas sintagmáticas que representam o mesmo evento mediante um relacionamento distinto entre papéis semânticos e funções sintácticas. A diatesis é uma questão de estrutura sintáctica e não de variação morfológica e são indispensáveis duas estruturas que reproduzam de modo distinto o mesmo acontecimento. As línguas conformam de modo distinto tal oposição. A mais prototípica será a **voz**, que expressa mediante oposições morfológicas as diferentes organizações diatéticas da sequência. Se partirmos da chamada voz activa verifica-se uma **redução valencial** ao suprimir-se a função semântica que ocupa o sujeito. Dá-se uma **incorporação** quando o segundo argumento passa a ocupar a função de sujeito. O processo pode parar aqui ou pode ainda verificar-se a recuperação do elemento elidido que ocupará então a função de

[Escrever texto]

complemento agente. A passagem de activa a passiva é sobretudo um processo de redução valencial, com omissão do inicialmente argumento sujeito. Este agente, ou seja, o funtivo responsável pela acção verbal, normalmente eliminado, se aparece, é como complemento periférico, como circunstancial.

O participio é sempre o responsável pela oposição diatética. O participio é uma classe dentro da categoria dos sintagmas adjectivos. Uma classe que revela propriedades combinatórias distintas das outras classes da mesma categoria, uma vez que o participio admite complementos de verbo

Um bombeiro, condecorado pelo Presidente (participio atributo)

Um bombeiro condecorado pelo Presidente (participio = adjacente nominal)

Qualquer que seja a função semântica que corresponde à função sintáctica sujeito, a mesma vê-se anulada pelo mecanismo de substituição por /se/², como se constata nos seguintes exemplos:

<i>Ela queimou a blusa.</i>	<i>Queimou-se a blusa.</i>
<i>Eles convidaram os amigos para almoçar.</i>	<i>Convidaram-se os amigos para almoçar.</i>
<i>A mãe fez o empadão.</i>	<i>Fez-se o empadão.</i>
<i>A Luísa e o pai colheram as flores.</i>	<i>Colheram-se as flores.</i>
<i>A mãe lavou a roupa.</i>	<i>Lavou-se a roupa.</i>
<i>Em Évora vivemos tranquilamente</i>	<i>Em Évora vive-se tranquilamente.</i>

² Veja-se, sobre a matéria em apreço, o artigo “Lêem-se livros? Lê-se livros”, Barbosa, 1999: 19-26.

Este /se/ é um valor gramaticalizado pela língua que o coloca no lugar do sujeito que se elimina. Estaremos também aqui perante um mecanismo gramatical que afecta a valência do verbo. Estas estruturas valencialmente diferentes permitem falar de uma voz impessoal.

Encontramos um caso particular deste processo se o mesmo se aplica a sequências transitivas com sujeito agente, as quais permitem a transformação à passiva. Se o complemento directo não tem preposição, independentemente da função semântica, verifica-se uma incorporação em que o complemento directo passa a ocupar a casa vazia preenchida pelo /se/ impessoalizador. É a estas estruturas que tradicionalmente se chamou passiva reflexa. No entanto, não podem ser ignorados os problemas que se colocam:

- 1) Nem todas as sequências resultantes deste processo de incorporação mantêm equivalência com as chamadas estruturas passivas. Há passivas reflexas com processos inagentivos e referentes não especificados.

<i>Precisam-se pedreiros.</i>	<i>* Pedreiros são precisados.</i>
<i>Sentem-se as consequências.</i>	<i>* As consequências são sentidas.</i>
<i>Vêem-se os montes.</i>	<i>* Os montes são vistos.</i>
<i>Procura-se secretária.</i>	<i>* Secretária é procurada.</i>

- 2) O /se/ não pertence ao paradigma dos pronomes reflexos, daí que falar de passivas reflexas não seja adequado. O /se/ não tem referência pessoal. É um puro morfema de modificação valencial.

[Escrever texto]

Falamos de verbos inacusativos a propósito de verbos da classe semântica dos agentivos que permitem ser comutados por uma perífrase com *fazer*³.

<i>A polícia detonou a bomba.</i>	<i>A polícia fez com que a bomba detonasse.</i>
<i>A mãe ferveu o biberão da menina.</i>	<i>A mãe fez com que o biberão da menina fervesse.</i>
<i>A avó amedrontou as crianças.</i>	<i>A avó fez com que as crianças se amedrontassem.</i>

Os verbos inacusativos ou ergativos distinguem-se dos inergativos pelo facto de não permitirem a supressão do complemento directo sem que se altere o valor de verdade; e ainda pelo facto de, na ausência dos sujeito, o complemento directo poder ocupar essa função sintáctica.

Não são aceitáveis, por não manterem o mesmo valor de verdade, as sequências em que se suprime o complemento directo:

<i>O pai acordou a Luísa.</i>	<i>* O pai acordou.</i>
<i>A Luísa partiu a jarra.</i>	<i>* A Luísa partiu.</i>

Nos verbos causativos, na ausência do sujeito, o complemento directo pode ocupar esse lugar:

<i>A corrente de ar fechou a janela.</i>	<i>A janela fechou-se.</i>
--	----------------------------

³ Cf . Blinkenberg, 1960, 125 . Este autor fala de transitivação desta operação que tem “comme forme de rechange une expression factitive obtenu à l’ aide de *faire*”.

[Escrever texto]

<i>A mãe queimou o leite creme.</i>	<i>O leite creme queimou-se.</i>
-------------------------------------	----------------------------------

Este fenómeno, em que o complemento directo ocupa o lugar deixado vago pelo sujeito, é conhecido como diatesis anticausativa.

No português, tal como no espanhol, este processo, embora possa não o ser, é, frequentemente, marcado pela presença do signo morfológico /se/. Vejamos alguns exemplos em que não observamos a presença de /se/ e outros em que tal é indispensável:

<i>O remédio acalmou a tosse.</i>	<i>A tosse acalmou.</i>
<i>O advogado acabou a leitura da sentença.</i>	<i>A leitura da sentença acabou.</i>
<i>O administrador melhorou os resultados da TAP.</i>	<i>Os resultados da TAP melhoraram.</i>
<i>Estas piadas cansam a audiência.</i>	<i>A audiência cansa-se.</i>
<i>O presidente alterou a ordem de trabalhos.</i>	<i>Alterou-se a ordem de trabalhos.</i>
<i>A mãe apagou o lume.</i>	<i>O lume apagou-se.</i>

Dentro das orações com /se/ impessoalizador aparece um subconjunto, as transitivas agentivas, que evidencia uma equivalência de significado com as passivas.

Distinguem-se três estruturas semânticas: agentivas com agente, agentivas sem agente e inagentivas ou anticausativas. (Gutiérrez, 2002 a: 248 – 271). Apesar de haver aqui uma nítida relação com a trilogia clássica *activa/ passiva/ média*, não se aludirá à questão e circunscreve-se o estudo a um espaço mais limitado, restringindo-nos à descrição

[Escrever texto]

funcional dos esquemas sintagmáticos, tendo em conta o nível das funções formais e o nível das funções semânticas.

Normalmente os derivados verbais conservam as valências originais do verbo, mas mesmo nesse caso estabelece-se uma ordem hierárquica funcional, sendo o primeiro elemento com /de/ o que contrai a função mais relevante. O agente ocupa quase sempre a posição prioritária nos derivados de verbos de acção, o complemento com /de/ e a transformação pelo possessivo *seu*. Mas é permitida também uma suspensão valencial, a qual será marcada pela preposição /por/ no segundo actante, aparecendo como complemento mais periférico. Com os deverbais causativos o “agente-instigador” só aparece em posição periférica com /por/.

Nos deverbais transitivos podem por vezes observar-se algumas alterações valenciais à semelhança do que se verifica na passiva (Gutiérrez, 2002 a: 315). Se o agente for eliminado, o segundo actante ocupa esse lugar de complemento nominal proeminente e é substituível pelo possessivo *seu*. A ambiguidade que assim se produz favorece a presença do complemento agente.

<i>Deus ama os</i>	<i>O amor de Deus</i>	<i>O seu amor aos</i>	<i>O amor dos ho-</i>
<i>homens</i>	<i>aos homens</i>	<i>homens</i>	<i>mens por Deus</i>

Os deverbais de verbos causativos não admitem a presença do agente como primeiro complemento com *de*, dado que essa posição é ocupada pelo “experimentante” (CD do verbo):

<i>A Luísa fechou a porta.</i>	<i>*O fechar da porta da Luísa</i>
<i>A enfermeira curou os feridos</i>	<i>* A cura dos feridos da enfermeira</i>

[Escrever texto]

<i>O governo aumentou as pensões</i>	* <i>O aumento das pensões do governo.</i>
--------------------------------------	--

Se for necessária a presença do “agente-instigador”, ele pode ser incorporado como um complemento nominal introduzido pela preposição /por/:

O fechar da porta pela Luísa

A cura dos feridos pela enfermeira

O aumento das pensões pelo governo

Alguns deverbais nominalizam o verbo e parte do seu processo sintagmático:

A construção da ponte por esse empreiteiro não correu bem.

O número de valências de um verbo pode ser aumentado, tal como pode ser suspenso, o que já tivemos oportunidade de ver.

O caso de alguns complementos indirectos testemunha um procedimento gramatical que tem por objectivo modificar a valência de um verbo. Há verbos, que não prevendo na sua valência a complementação por um CI, podem admitir tal função sintáctica esporadicamente. São verbos semanticamente pertencentes ao campo da destruição, criação e preparação, como: *partir, destruir, gastar, esgotar, lavar, limpar, reparar, desenhá-lo, copiar, anotar, fritar, cozinhar, comer, fazer, preparar...*

Os complementos indirectos que admitem não ultrapassam positivamente todas as provas que costumam aplicar-se na determinação de complementos do primeiro nível. São substituíveis por *fazê-lo* e respondem ao teste das equandicionais. Contudo, não aceitam as nominalizações nem o teste dos participípios.

[Escrever texto]

Os complementos indirectos quando não estão presentes capacitam o seu espaço funcional a ser preenchido com complementos mais periféricos que podem assim aceder ao nível da argumentalidade.

Sempre que o lugar de CD não estiver preenchido, os complementos circunstanciais “benefactivos” introduzidos por *para* são incorporados nesse espaço funcional. O dito “benefactivo” confunde-se amiúde com o complemento indirecto; trata-se por vezes do chamado complemento indirecto não valencial.

Também o possuidor animado que afecta um sintagma nominal dependente do verbo pode ascender à função de complemento indirecto não valencial. É introduzido pela preposição /a/ :

A mãe acariciou os cabelos da menina.

A mãe acariciou os cabelos à menina.

A Luísa partiu a jarra da avó.

A Luísa partiu a jarra à avó.

O complemento preposicional de alguns adjectivos pode passar a complemento indirecto do verbo *ser*, assumindo a preposição /a/ :

Esta indicação é útil para os alunos.

Esta indicação é útil aos alunos.

Esta observação é importante para as doentes.

Esta observação é útil às doentes.

Apesar do grande interesse da teoria das valências para a explicação relativa aos argumentos, esta teoria não tem poder explicativo sobre a sintaxe das funções periféricas. A valência, além de ser um fenómeno léxico, é também alterada por elementos gramaticais, como acabámos de demonstrar, quer seja por supressão, ampliação ou simples modificação .

[Escrever texto]

Concluimos que as línguas têm uma organização representativa que se explicita nas dimensões sintáctica e semântica.

Bibliografia

- ALARCOS LLORACH, Emilio, 1990, “La noción de suplemento”, in *Jornadas de Filología - Homenaje Profesor Francisco Marsá*, Barcelona, Universitat Barcelona, p. 209-221.
- ALARCOS LLORACH, Emilio, 1990 b, “Las oraciones degradadas (quodam subordinadas)”, *Actas del congreso de la Sociedad Española de Lingüística, XX aniversario*, Madrid, Gredos, p. 33-43.
- ALARCOS LLORACH, Emilio, 1992 (1970), *Estudios de gramática funcional del español*, Madrid, Gredos, 354 p.
- ALARCOS LLORACH, Emilio, 1994, *Gramática de la lengua española*, Madrid, Real Academia Española/Espasa Calpe, 406 p.
- ALARCOS LLORACH, Emilio, 2000, “Variación enésima sobre un motivo inactual: pasividad y atribución”, in P. Carbonero et al. (coords.), *Lengua y discurso. Estudios dedicados al Prof. Vidal Lamíquiz*, (publicação póstuma), Madrid, Arco Libros, 35-42.
- ALCINA FRANCH, J., BLECUA, J., 1994 (1975), *Gramática Española*, Barcelona, Ariel, 1274 p.
- ÁLVAREZ MENÉNDEZ, A. I., 1988, “El adverbio y la función incidental”, *Verba*, 15, p. 215-236
- ÁLVAREZ MENÉNDEZ, A. I., 1989, *Las construcciones consecutivas en español. Estudio funcional sobre la oración compuesta*, Oviedo, Departamento de Filología Española
- ARISTÓTELES, “Periérmenias”, in *Organon*, 1985, Lisboa, Guimarães Editores, Tradução directa do grego prefácio e notas por Pinharanda Gomes, vol. I, p. 118-173.
- ARISTÓTELES, *Poética*, 1964, Lisboa, Guimarães Editores, Tradução directa do grego com introdução e índices por Eudoro de Sousa.
- ARNAULT, Antoine e LANCELOT, C. 1993 (1660), *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal, Genève suivie 1º de la partie de la logique de P.-R. qui traite des propositions ; 2º des remarques de Duclos, de l'Académie française ; 3º du supplément à la grammaire générale de P.-R., par l'Abbé Fromant, et publiée sur la meilleure*

[Escrever texto]

édition originale, avec une Introduction historique par M. A. Bailly, reproduzida por Slatkine Reprints, Genebra, Slatkine Reprints, reimpressão da edição de Paris de 1846, 408 pp.

ASSUNÇÃO, Carlos, 1997, *Gramática e gramatologia*, Braga, APPACDM distrital de Braga.

AUSTIN, John Langshaw, 1989 (1962), *How to do Things with Words*, 2ª ed., Oxford/New York, Oxford University Press, 176 pp.

BARBOSA, Jorge Morais, 1994, *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do Português*, Coimbra, Almedina, 295 p.

BLOOMFIELD, Leonard, 1966 (1926), “A set of postulates for the science of language”, in JOOS, M., *Readings in Linguistics I*, Chicago and London, The University of Chicago Press, 4ª ed., p. 26-31.

BOSQUE, I. E DEMONTE, V. (eds.), 1999, *Gramática descriptiva de la lengua española*, 3vols, RAE, Colección Nebrija y Bello, Madrid, Espasa.

DANEŠ, F., 1964, “A three level approach to Syntax”, *Travaux Linguistiques de Prague*, 1, p. 225-240.

DUCOS, G., GUTIÉRREZ, S. e RODRÍGUEZ, B. (ed.), 1992, *Actes XVIIe colloque international de linguistique fonctionnelle, León, Espagne, 5-10 juillet 1990*, Universidad de León (veja-se, em especial, o tema 2 “Le prédicat”, p.117-175).

GÓMEZ ASECIO, José, 1981, *Gramática y categorías verbales en la tradición española (1771 - 1847)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 194 p.

GÓMEZ ASECIO, José, 1985, *Subclases de palabras en la tradición española (1771 - 1847)*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 194 p.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador, 1997 a, *Principios de sintaxis funcional*, Madrid, Arco Libros, 598 p.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador, 1997 b, *La oración y sus funciones*, Madrid, Arco Libros, 615 p.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador, 1997 c, *Temas, remas, focos, tópicos y comentarios*, Madrid, Arco Libros.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador, 1999 a, “Los dativos”, in BOSQUE, I. E DEMONTE, V. (eds.), 1999, *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 2, RAE, Colección Nebrija y Bello, Madrid, Espasa, 1855-1930.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador, 2002 a, *Forma y sentido en sintaxis*, Madrid, Arco Libros.

GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador, 2002 b, *De pragmática y semántica*, Madrid, Arco Libros, 415.

HERNÁNDEZ ALONSO, César, 1983, “Sobre el concepto de función”, *Serta philologica F. Lázaro Carreter*, Ed, Cátedra, p.263-269.

HERNÁNDEZ ALONSO, César, 1985, “El sintagma verbal en español: la función SN2”, *Philologica Hispaniensia – in Honorem Manuel Alvar*, Madrid, Gredos, p. 261-272.

HERNÁNDEZ ALONSO, César, 1995, *Nueva sintaxis de la lengua española*, Salamanca, Ediciones Colegio de España, 238 p.

HERNÁNDEZ ALONSO, César, 1996, *Gramática Funcional de Español*, Madrid, Gredos, 3ªed.

HJELMSLEV, Louis, 1969 (1943), *Prolegomena to a Theory of Language*, Madison, London, The University of Wisconsin Press, 144 p.

HJELMSLEV, Louis, 1976 (1934), *Sistema Lingüístico y Cambio Lingüístico*, Madrid, Gredos, 260 p.

HJELMSLEV, Louis, 1976, *Principios de Gramática General*, Madrid, Gredos, 383 p.

[Escrever texto]

- JESPERSEN, Otto, 1924 (1971), *La philosophie de la grammaire*, Paris, Éditions du Minuit, 515p.
- KOVACCI, Ofelia, 1986, *Estudios de gramática española*, Buenos Aires, Hachette.
- MARÇALO, M^a João, 2003, “Da transitividade”, in *Razão e Emoção – Volume de Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, vol.1, Lisboa, Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, p.235.
- MARÇALO, M^a João, 2004, “Funções sintáticas e classes: teoria e problemas”, in Costaouec, D.(org.), *As línguas no dealbar do século XXI, Actes du XXII Colloque international de linguistique fonctionnelle*, Évora, Universidade de Évora, p. 209-216.
- MARÇALO, M^a João, 2007, (1992) , *Introdução à linguística funcional*, Lisboa, ICALP/ Ministério da Educação, 153 p (2007 versão on-line disponibilizada pelo Instituto Camões)
- MARTINET, André, 1985, *Elementos de Linguística Geral*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 10^a ed. portuguesa, tradução de Jorge Morais Barbosa.
- MARTINET, André, 1985b, *Syntaxe Générale*, Paris, Armand Colin, 266 p.
- MARTINET, André, 1995a (1989), *Função e dinâmica das línguas*, Coimbra, Almedina, tradução portuguesa de Jorge Morais Barbosa e M^a Joana Vieira Santos, 346 p.
- MARTÍNEZ, José Antonio, 1994c, *Propuesta de gramática funcional*, Madrid, Istmo, 329p.
- MATEUS, M^a Helena, BRITO, A., DUARTE, I., FARIA, I., 2003, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- NEVES, M^a Helena Moura, 1987, *A vertente Grega da Gramática Tradicional*, São Paulo, Hucitec/Universidade de Brasília, 252 p.
- OLIVEIRA, Fernão de 1999, *Grammatica da lingoagem portuguesa* , Lisboa, Germão Galharde, 1536, com edição crítica, semidiplomática e anastática de Amadeu Torres e Carlos Assunção.
- OSÓRIO, Paulo, 1999, “O sistema verbal português: da gramática tradicional a uma visão funcionalista”, in BARBOSA, Jorge Morais (org.), *Gramática e ensino das línguas*, Coimbra, Almedina, pp. 155-160.
- RODRÍGUEZ DIEZ, Bonifácio, 1982, “L’attribut en espagnol: essai d’une description et classification fonctionnelles”, *La linguistique*, 18, 2, 33-48.
- ROJO, Guillermo, 1983, *Aspectos básicos de sintaxis funcional*, Málaga, Librería Ágora, S.A.
- TESNIÈRE, Lucien, *Éléments de syntaxe structurale*, 1982, (1959), Paris, Klincksieck, 674 p.
- VIGÓN ARTOS, Secundino, 2007, « Influências do funcionalismo alarquiano em Portugal », *Revista Península*, 4, FLUP, Porto (no prelo).
- VILELA, Mário, 1992, *Gramática de Valências: Teoria e Aplicação*, Coimbra, Almedina, 203 p.